



ABORDANDO DOR E CUIDADOS PALIATIVOS NAS OFICINAS DE SAÚDE

ANTONACCI, Milena Hohmann¹
COELHO, Renata Rodrigues²
DUTRA, Mytzly Guex³
PALMA, Josiane Santos⁴
THOFEHRN, Maira Buss⁵

¹ Relatora. Acadêmica do 8º semestre de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas UFPel. Endereço eletrônico: miantonacci@hotmail.com

² Acadêmica do 8º semestre de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas UFPel. Endereço eletrônico: renata311281@yahoo.com.br

³ Acadêmica do 8º semestre de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas UFPel. Endereço eletrônico: myguex@bol.com.br

⁴ Acadêmica do 8º semestre de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas UFPel. Bolsista PROBEC UFPel. Membro do NEPEEn. Endereço eletrônico: josisanpalma@hotmail.com

⁵ Orientadora. Doutora em Enfermagem. Professora da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas UFPel. Coordenadora do NEPEEn (Núcleo de Estudos e Práticas em Saúde e Enfermagem). Endereço eletrônico: mairabusst@hotmail.com

Introdução: As Oficinas de Saúde são constituídas por três ciclos de palestras ao longo de três semanas, promovidas semestralmente pelos discentes do curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) matriculados na disciplina de Didática Aplicada à Saúde, em conjunto com o Núcleo de Estudos e Práticas em Saúde e Enfermagem (NEPEEn). Os temas são de livre escolha dos alunos. Na edição do primeiro semestre de 2008, foi abordado, dentre os temas, a “Dor e seus Cuidados Paliativos”.

Objetivos: Os objetivos das acadêmicas de Enfermagem, ao trazer à tona a subjetividade da Dor e seus Cuidados foram desvelar nos profissionais da Saúde e acadêmicos questões relativas ao tratamento paliativo, uma vez que somos instigados pela própria profissão a lutar pela vida com vistas à cura e ao restabelecimento das funções do corpo. Quando a cura torna-se inalcançável tendemos à frustração e sensação de fracasso, muitas vezes desconsiderando a vontade do paciente e não levando em consideração suas necessidades. Também como objetivo buscou-se oferecer informações que pudessem sanar dúvidas acerca do tema e buscar, através do diálogo, lidar com a possibilidade de morte iminente do ser cuidado de forma natural, não traumática.

Metodologia: Para a confecção da Oficina “Dor e seus Cuidados Paliativos” buscaram-se informações na literatura sobre o tema e com profissionais atuantes na área de cuidados paliativos da cidade de Pelotas/RS. Na exposição, utilizou-se como recurso audiovisual o Data Show e, ao fim de cada uma das três apresentações diárias, o público era convidado a preencher um instrumento de avaliação de acordo com as opções

satisfatório/regular/insatisfatório, que possibilitou aferir a aceitação e a pertinência do tema nas próximas edições do evento e no ambiente acadêmico. Estiveram envolvidas na confecção e apresentação da Oficina um grupo de cinco acadêmicas do curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O público alvo foi composto por profissionais da saúde e estudantes, além da comunidade em geral que se mostrasse interessada pelo tema abordado. O ciclo de palestras do primeiro semestre de 2008 ocorreu no mês de junho na Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel com duração de cinquenta minutos por apresentação. A Oficina “Dor e seus Cuidados Paliativos” contou com 42 pessoas presentes.

Resultados e Discussão: Quanto à temática apresentada na oficina, a dor é definida como uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano real ou potencial dos tecidos, podendo ser descrita tanto em termos desses danos quanto por ambas as características, de acordo com a *International Association for the Study of Pain*, citada nos Manuais do Ministério da Saúde consultados. O alívio da dor é visto como um direito humano básico e, portanto, trata-se não apenas de uma questão clínica, mas também de uma situação ética que envolve todos os profissionais de saúde. Existe ainda o reconhecimento de que a dor não tratada pode afetar adversamente o estado de recuperação em cirurgias e pode levar a uma dor persistente (crônica), de longo prazo e, obviamente, com custos financeiros e sociais. A maioria dos profissionais de saúde desconhece o impacto da dor sobre o paciente. De fato, a subestimação da dor do indivíduo, bem como a subprescrição e a não administração de medicamentos, têm se mostrado como fatores contribuintes para este atual problema clínico. A falta de conhecimento a respeito de analgésicos potentes é apontada como um fator-chave no controle ineficaz da dor. Profissionais da saúde, freqüentemente, demonstram concepções inadequadas em relação aos opióides, como a morfina, no que diz respeito ao risco de vício, dependência física, tolerância e problemas com os efeitos colaterais. De todos os medicamentos usados no controle da dor, a morfina é o mais importante, mais eficaz e menos conhecido, mais temido e, portanto, menos usado. Muitos desconhecem, por exemplo, que o seu período de ação é bastante curto, de poucas horas, daí a necessidade de repetição freqüente para que tenha eficiência prática. A cada quatro horas são necessárias repetições das doses que devem ser prescritas pelo médico e não deixadas a critério do doente, segundo a costumeira ordem do “se necessário”. Atualmente a dor é considerada um sinal vital tão importante quanto os outros e deve sempre ser avaliada num ambiente clínico para se empreender um tratamento ou conduta terapêutica. A eficácia do tratamento e o seu seguimento dependem de uma avaliação e mensuração da dor confiável e válida. Para a avaliação e mensuração da dor podem-se utilizar escalas numéricas, visuais, gráficas, com palavras e com cores, todas quantitativas. Cecily Saunders, enfermeira e médica inglesa, introduziu na década de 60 o conceito de Dor Total, entendida como sofrimento global, envolvendo aspectos físico, emocional, espiritual, social, familiar, econômico, entre outros. O Cuidado Paliativo tem por objetivo efetuar o controle dos sintomas do corpo, da mente, do espírito e do social, que afligem a pessoa quando a morte se aproxima. O tratamento paliativo deve ser instituído desde o diagnóstico e durante todo o curso da doença, visando dar maior conforto e melhor qualidade de vida ao

paciente. Como requisitos básicos para a atuação da enfermagem paliativa têm-se: conhecimento sobre fisiopatologia das doenças degenerativas, anatomia e fisiologia humana, farmacologia dos medicamentos utilizados no controle dos sintomas, técnicas de conforto bem como a capacidade de estabelecer boa comunicação. O adequado preparo de enfermeiros é estratégia fundamental para o controle da dor e sintomas prevalentes em pacientes crônicos sob cuidados paliativos. Durante a realização da Oficina, muitos questionamentos surgiram e a conversa informal entre os participantes serviu também como alento para muitas dúvidas relacionadas à assistência. A avaliação positiva mostrou o interesse do público pelo tema, representado por 42 pessoas, constituindo 85% do total de presentes. Surgiram questionamentos enquanto da não abordagem do assunto em ambiente acadêmico como componente curricular e das dificuldades apresentadas pelos profissionais na prática com pacientes terminais.

Conclusão: O grupo de acadêmicas de Enfermagem considera a experiência das Oficinas de Saúde enriquecedora no tocante a possibilidade de trocar experiências desde a graduação e desmistificar o assunto proposto para o debate. Considera a continuidade das discussões sobre este tema relevante na formação profissional, uma vez que agrega o saber científico aquele que emerge do campo de trabalho do profissional de saúde para potencializar o conhecimento. Por fim, ao longo dos semestres, surgiu entre os discentes a vontade e a necessidade de continuidade das discussões sobre temas de saúde envolvendo, por exemplo, a terminalidade enquanto objeto de estudo da enfermagem. A finitude digna pode ser definida como aquela sem dor e com sofrimento minimizado mediante os cuidados paliativos adequados, visando equilibrar as necessidades do paciente e a integridade da equipe interdisciplinar.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Cuidados Paliativos Oncológicos: controle da dor. – Rio de Janeiro: INCA, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Cuidados paliativos oncológicos: controle de sintomas. Rio de Janeiro: INCA, 2001.

Coletânea de Textos sobre Cuidados Paliativos e Tanatologia. UNIFESP, 2006.

Dor – Diagnóstico da Dor. Disponível em http://www.dor.org.br/dor_diagnosticos.asp. Acesso em 30/05/2008

GOMES, R.T. et al. Dor: o Quinto Sinal Vital. Disponível em <http://www.praticahospitalar.com.br/pratica%2044/pgs/materia%2018-44.html>. Acesso em 30/05/2008